

Ruth Rocha

# As coisas que a gente fala

ilustrações:  
Mariana  
Massarani

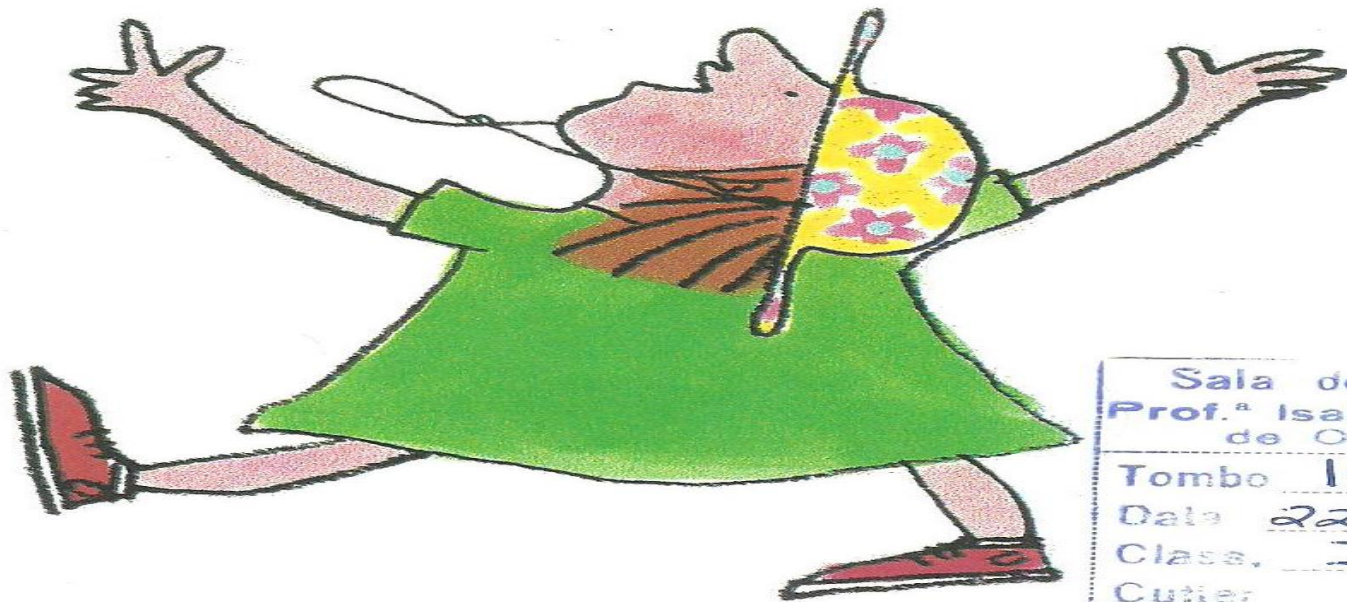


SALAMANDRA



Ruth Rocha

# As coisas que a gente fala

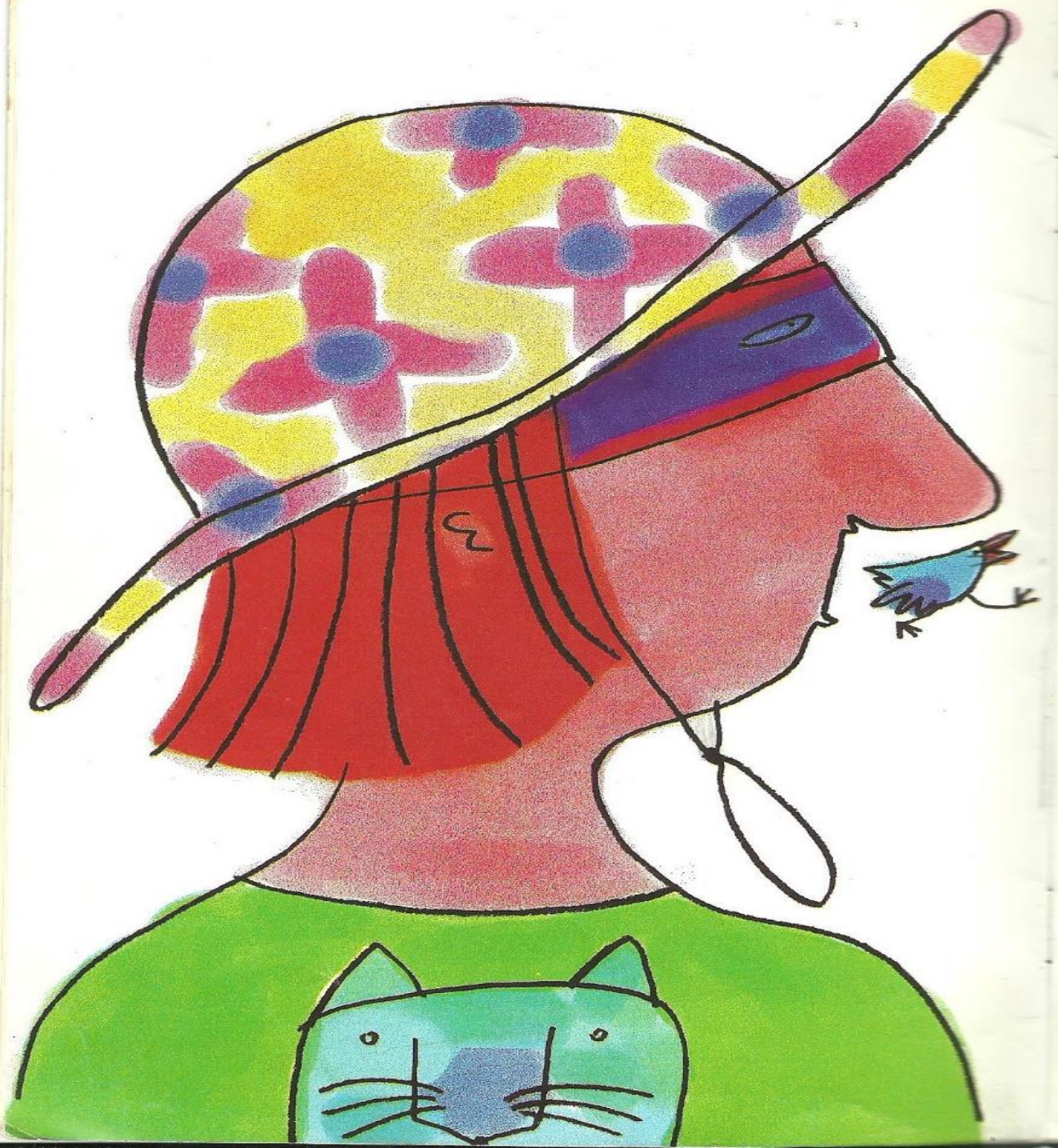


ilustrações:  
Mariana Massarani



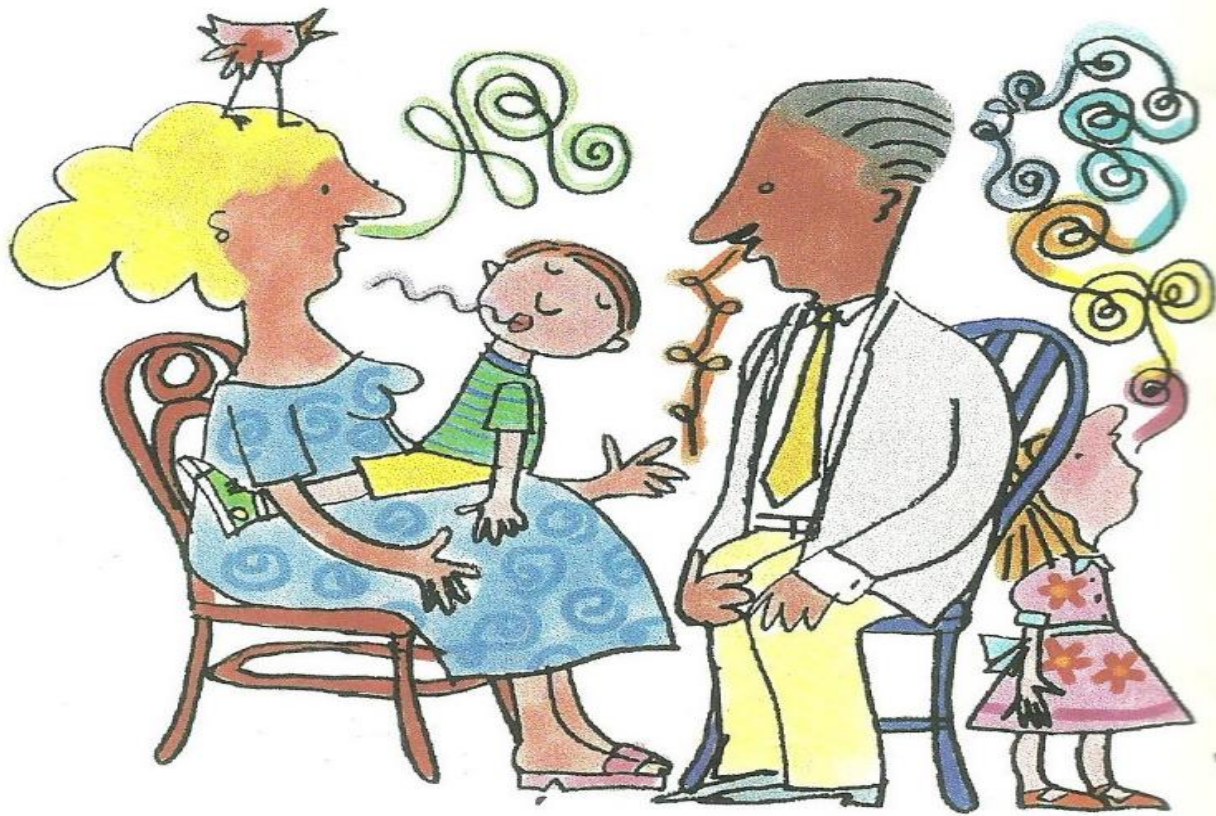
SALAMANDRA

Sala de Leitura
Prof. <sup>a</sup> Isabel Batista de Oliveira
Tombo 1333
Data 22/04/99
Class. I J
Cutier
v.-ex.
Dosq. Prefeitura
Compre
Data
E.E.P.G. (R) Ten. Av Ary Gomes Castro



As coisas que a gente fala  
saem da boca da gente  
e vão voando, voando,  
correndo sempre pra frente.  
Entrando pelos ouvidos  
de quem estiver presente.

Quando a pessoa presente  
é pessoa distraída  
não presta muita atenção.  
Então as palavras entram  
e saem pelo outro lado  
sem fazer complicação.



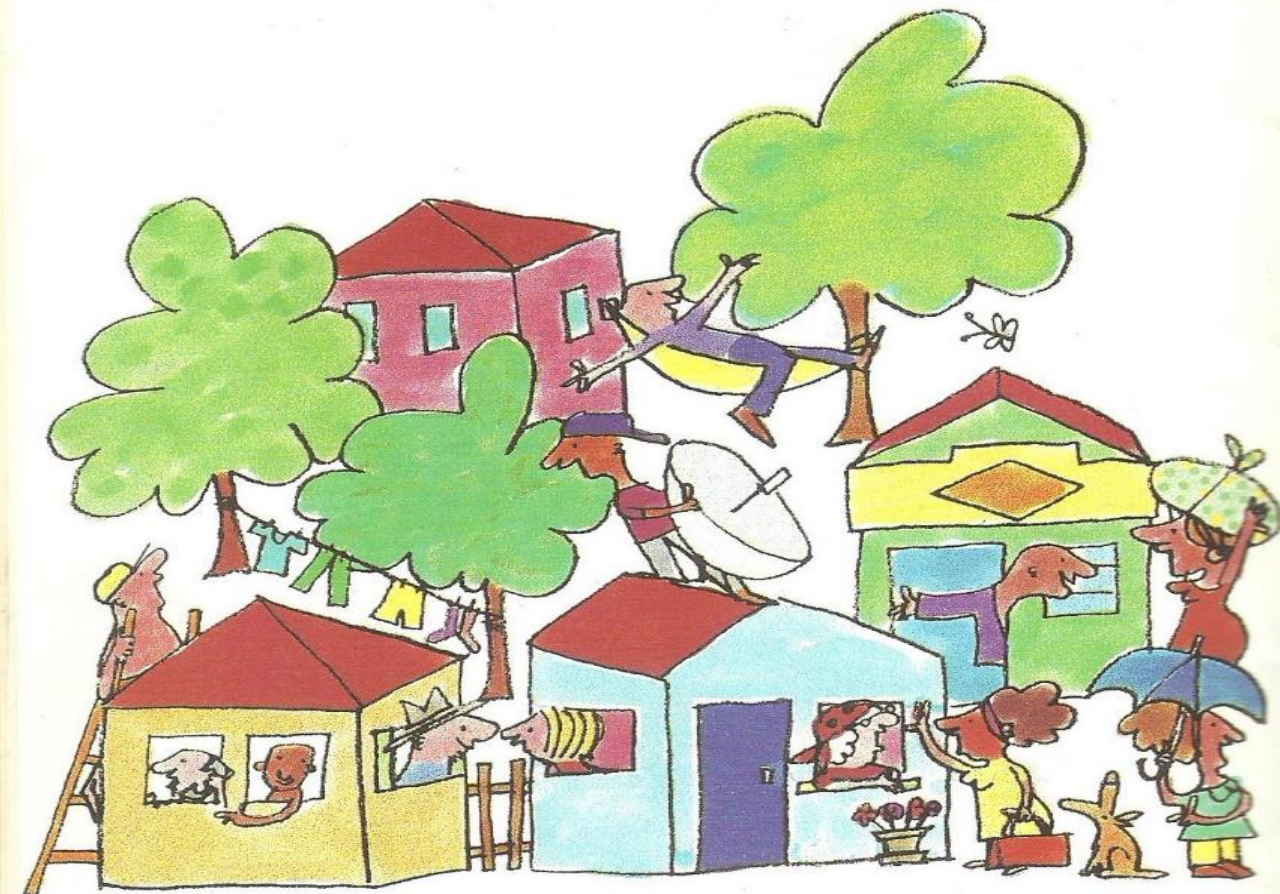
Mas às vezes as palavras  
vão entrando nas cabeças,  
vão dando voltas e voltas,  
fazendo reviravoltas  
e vão dando piruetas.

Quando saem pela boca  
saem todas enfeitadas.  
Engraçadas, diferentes,  
com palavras penduradas.



Mas depende das pessoas  
que repetem as palavras.  
Algumas enfeitam pouco.  
Algumas enfeitam muito.

Algumas enfeitam tanto,  
que as palavras - que  
engraçado!  
- nem parecem as palavras  
que entraram pelo outro  
lado.



E depois que elas se espalham,  
por mais que a gente procure,  
por mais que a gente recolha,  
sempre fica uma palavra,  
voando como uma folha,  
caindo pelos quintais,  
pousando pelos telhados,  
entrando pelas janelas,  
pendurada nos beirais.



Por isso, quando falamos,  
temos de tomar cuidado.  
Que as coisas que a gente fala  
vão voando, vão voando,  
e ficam por todo lado.  
E até mesmo modificam  
o que era nosso recado.



Eu vou contar pra vocês  
o que foi que aconteceu,  
no dia em que a Gabriela  
quebrou o vaso da mãe dela  
e acusou o Filisteu.

Neste dia, por acaso,  
a Dona Felicidade  
encontrou seu lindo vaso  
reduzido a quantidade  
de caquinhos e pedaços  
de grande variedade.

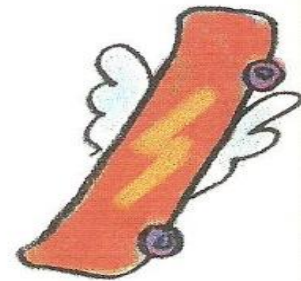
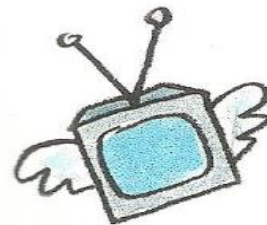


- Quem foi que quebrou meu vaso?  
Meu vaso de ouro e laquê,  
que eu conquistei no concurso,  
no concurso de crochê?  
- Quem foi que quebrou seu vaso?  
- a Gabriela respondeu  
- quem quebrou seu vaso foi...  
o vizinho, o Filisteu.



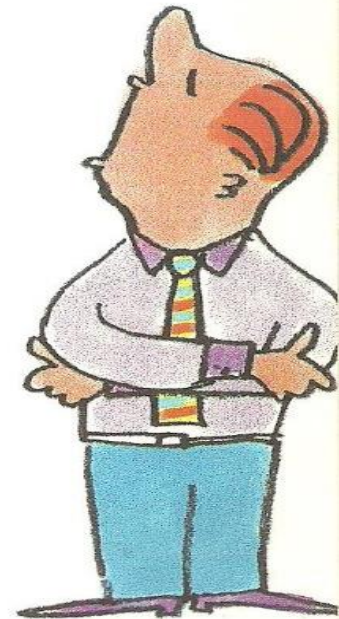
Pronto! Lá vão as palavras!  
Vão voando, vão voando...  
Entrando pelos ouvidos  
de quem estiver passando.

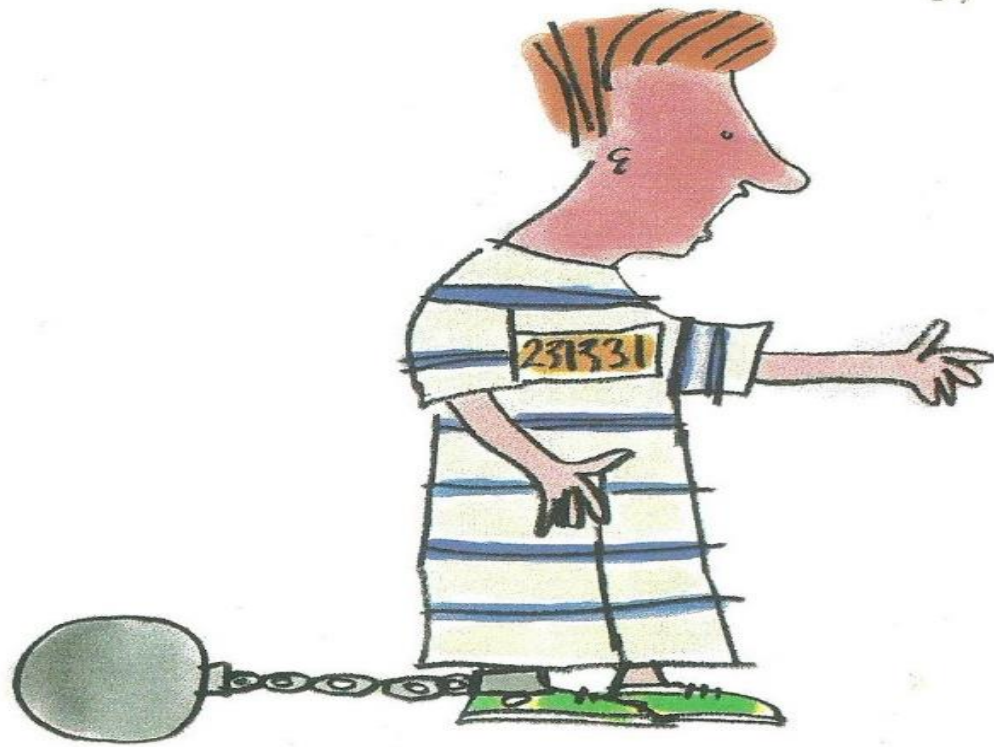
Então entram pelo ouvido  
de Dona Felicidade:  
- O Filisteu? que bandido!  
que irresponsabilidade!  
As palavras continuam  
a voar pela cidade.  
Vão entrando nos ouvidos  
de gente de toda idade.  
E aquilo que era mentira  
até parece verdade...



Seu Golias, que é vizinho  
de Dona Felicidade,  
e que é o pai do Filisteu,  
ao ouvir que o filho seu  
cometeu barbaridade,  
fica danado da vida,  
inventa logo um castigo,  
sem tamanho, sem medida!

Não tem mais festa!  
Não tem mais coca-cola!  
Não tem TV!  
Não tem jogo de bola!  
Trote no telefone?  
Nem mais pensar!  
Isquite? Milquicheique?  
Vão acabar!





Filisteu, que já sabia  
do que tinha acontecido,  
ficou muito chateado!  
Ficou muito aborrecido!

E correu logo pro lado,  
pra casa de Gabriela:  
- Que papelão você fez!  
Me deixou em mau estado,  
com essa mentira louca  
correndo por todo lado.  
Você tem que dar um jeito!  
Recolher essa mentira  
que me deixa atrapalhado!



Gabriela era levada,  
mas sabia compreender  
as coisas que a gente pode  
e as que não pode fazer;  
e a confusão que ela armou,  
saiu para resolver.





Gabriela foi andando.  
E as mentiras que ela achava  
na sacola ia guardando.  
Mas cada vez mais mentiras  
o vento ia carregando...

Gabriela encheu sacola,  
bolsa de fecho de mola,  
mala, malinha, maleta.



E quanto mais ia enchendo,  
mais mentiras ia vendo,  
voando, entrando nas casas,  
como se tivessem asas,  
como se fossem - que coisa!  
- um milhão de borboletas!

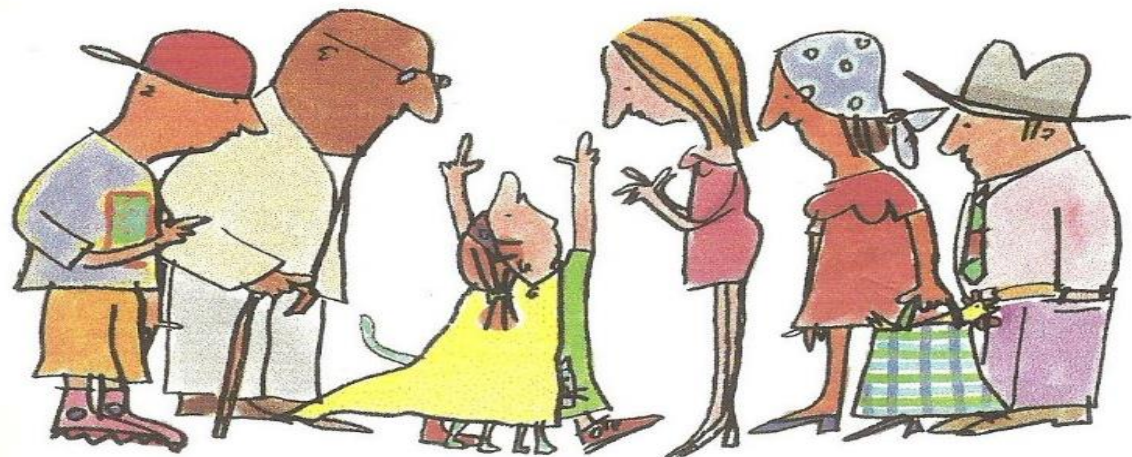




Gabriela então chegou  
no começo de uma praça.  
E quando olhou para cima  
não achou a menor graça!  
Percebeu - calamidade!  
- que a mentira que ela disse  
cobria toda a cidade!



Gabriela era levada,  
era esperta, era ladina,  
mas, no fundo, Gabriela  
ainda era uma menina.  
Quando viu a trapalhada  
que ela conseguiu fazer,  
foi ficando apavorada,  
sentou-se numa calçada,  
botou a boca no mundo,  
num desespero profundo...



Todo mundo em volta dela  
perguntava o que é que havia.  
Por que chora Gabriela?  
Por que toda esta agonia?  
Gabriela olhou pro céu  
e renovou a aflição.  
E gritou com toda força  
que tinha no seu pulmão:

- Foi mentira!
- Foi mentira!

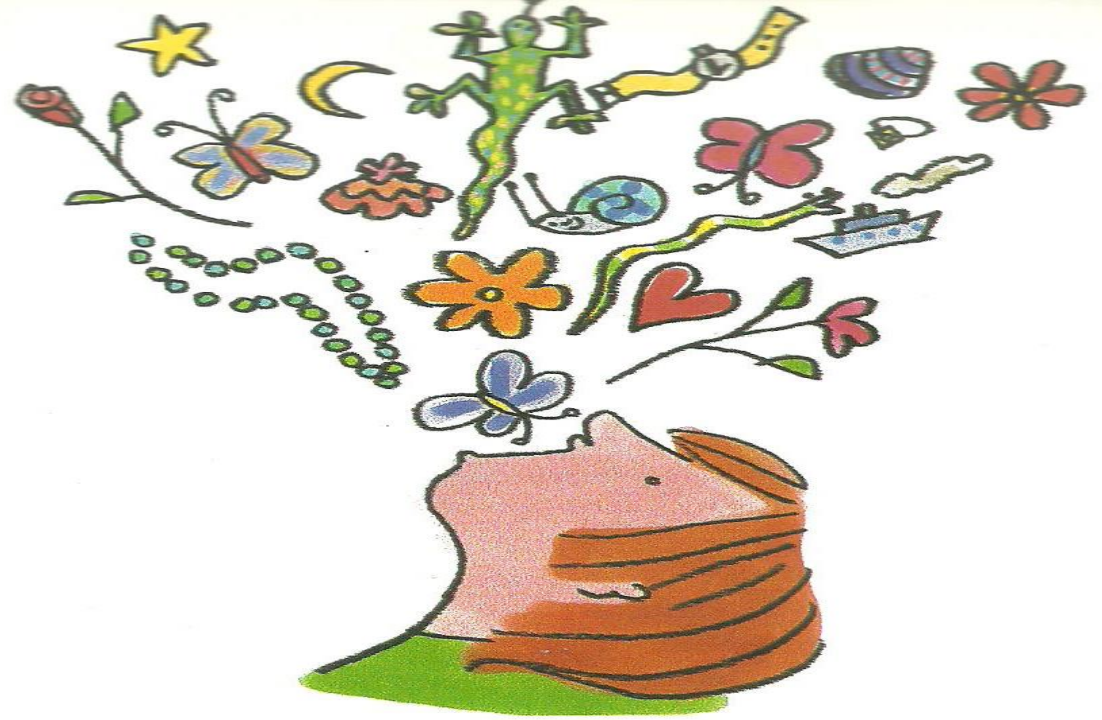


Com as palavras da menina  
uma nuvem se formou,  
lá no alto, muito escura,  
que logo se desmanchou.  
Caiu em forma de chuva  
e as mentiras lavou.



Mas mesmo depois do caso  
que eu acabei de contar,  
até hoje Gabriela  
vive sempre a procurar.  
De vez em quando ela encontra  
um pedaço de mentira.  
Então recolhe depressa,  
antes dela se espalhar.

Porque é como eu lhes dizia.  
As coisas que a gente fala  
saem da boca da gente  
e vão voando, voando,  
correndo sempre pra frente.



Sejam palavras bonitas  
ou sejam palavras feias;  
sejam mentira ou verdade  
ou sejam verdades meias;  
são sempre muito importantes  
as coisas que a gente fala.  
Aliás, também têm força  
as coisas que a gente cala.  
Às vezes, importam mais  
que as coisas que a gente fez...

"Mas isso é uma outra história  
que fica pra uma outra vez..."





**Tudo o que a gente vê ou sente é expresso através de palavras.**

**As palavras podem nos parecer duras, suaves, feias, bonitas. Podem servir para dizer verdades ou mentiras.**

**Portanto, muito cuidado ao usar as palavras. Algumas vezes, elas podem armar uma tremenda confusão!**

*O tema deste delicioso livro é o peso e a importância da palavra, a palavra que a gente diz sem pensar (ou por malícia), e que sai voando, se espalhando e aprontando. Historinha simples e direta, pão-pão, queijo-queijo. Mas como está bem contada!*

**TATIANA BELINKY**

ISBN 85-2810-057-X



9 788528 100570



**25 anos  
DE MUITA  
HISTÓRIA  
PRA CONTAR**

Is